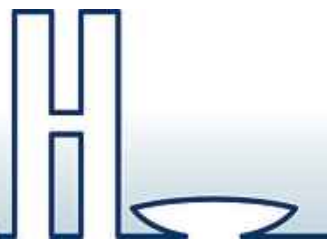




# BRASÍLIA-DF

por Denise Rothenburg » deniserothenburg.df@dabr.com.br



## Mourão joga crise para escanteio...

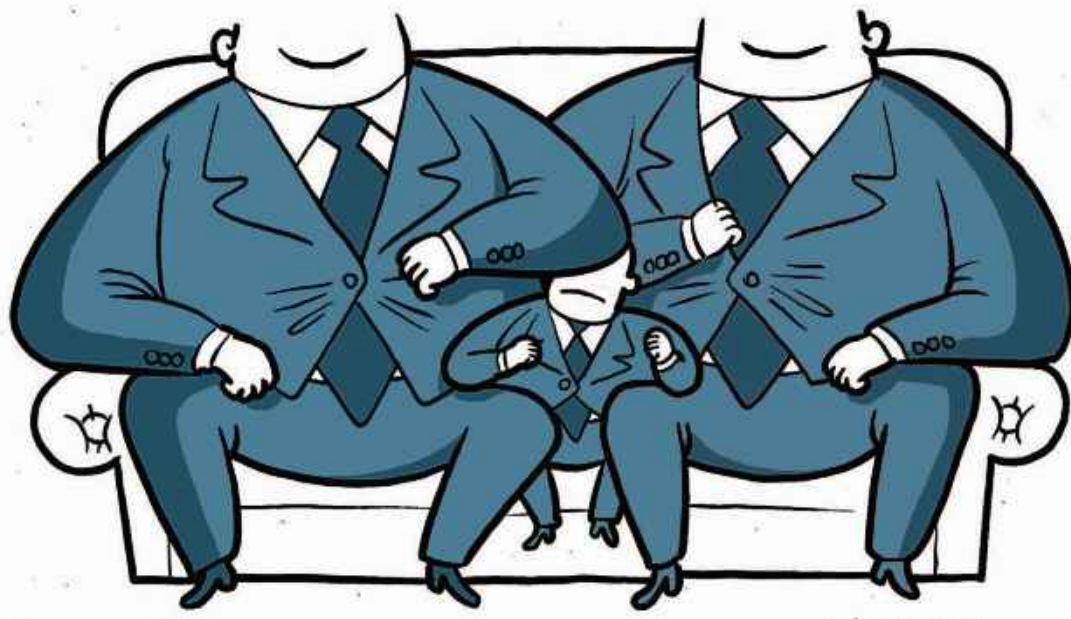
A notícia de *O Estado de S. Paulo* de que o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, havia mandado intermediários dizer ao presidente da Câmara, Arthur Lira, que sem voto impresso não haverá eleição, só perdeu impacto depois da fala do vice-presidente da República, Hamilton Mourão.

## ... mas a Defesa, não

A frase do vice-presidente foi considerada muito mais incisiva do que a nota de Braga Netto, que espalhou brasa ao ingressar na seara política e defender o voto impresso. A nota deixou a sensação entre os políticos de que, pelo menos, parte dos militares apoiaria um golpe de Jair Bolsonaro.

## Carreira solo

Jair Bolsonaro até aqui não pediu votos aos senadores em favor de André Mendonça para ministro do Supremo Tribunal Federal. A tarefa ficará a cargo de Ciro Nogueira.



## Fusão volta à cena com novos contornos

O sonho do PP de se tornar tão grande quanto o antigo PFL já foi no passado, levou o partido de Ciro Nogueira a jogar sobre a mesa uma proposta de fusão com o DEM, de ACM Neto, e o PSL, de Luciano Bivar e Antonio Rueda. Há um ano, quando Bolsonaro deixou o PSL, houve conversas sobre fusão do PSL com o DEM, à época ainda sob forte influência de Rodrigo Maia (sem partido-RJ). Os ventos da política mudaram e nada foi feito. Agora, voltam à cena a partir do PP.

Só tem um probleminha: nessa configuração, o DEM não teria mais o protagonismo nem o comando da legenda. O partido seria praticamente engolido pelo PP de Ciro e do presidente da Câmara, Arthur Lira (AL), que hoje dominam o palco da política. Por isso, no que depender dos Democratas, por exemplo, nenhum movimento nesse sentido será feito enquanto o jogo de 2022 não estiver com regras definidas e o cenário mais claro.

Falta acertar em casa: se quiser mesmo fundir os três partidos, Ciro terá que intervir no PP da Bahia. Lá o Progressistas é aliado do governador Rui Costa, do PT, que tem como vice João Leão, do PP.

## CURTIDAS

**E no bolsonarismo raiz.../** Houve um desconforto muito grande por parte dos primeiros aliados de Bolsonaro o fato de o presidente dizer, com todas as letras, que é Centrão. Ninguém vai romper, mas o entusiasmo não é mais o mesmo.

**Não culpem os meus/** Nas lives, o presidente tem feito apelos para que seus apoiadores não ponham a culpa da aprovação do Fundo Eleitoral nos deputados que o apoiam. “Meus filhos, Bia Kicis, Carla Zambelli, votaram para aprovar a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) e não o Fundo Eleitoral”, repete diariamente. E diz que a crítica é injusta.

Ed Alves/CB/D.A. Press



**Rosângela na lida/** Rosângela Moro, mulher do ex-ministro Sergio Moro (foto), postou uma imagem no Instagram em que esconde o rosto da pessoa ao seu lado. Por segurança. A postagem foi acompanhada das hashtags #forabolsonaro, #nemLulanebolsonaro e #3viajá.

**Rosângela na lida II/** Rosângela Moro escreveu: “Meu pontinho laranja. Amo mais que tudo nessa vida e não posso mostrar porque ficamos cruéis, cegos, ofensivos e desprezíveis. Mas ela saberá que me importo. Triste Brasil! Escondeis quem amas”.

**PODER /** Presidente tenta dar pouca importância à dependência do governo em relação ao Centrão e afirma que “não tem nada a ver” a alcunha pejorativa do grupo. Reconheceu, ainda, que integrou partidos fisiológicos nos tempos de parlamentar

# Bolsonaro: “Eu sou do Centrão”

» INGRID SOARES  
» FERNANDO FERNANDES  
» SARAH TEÓFILO

O presidente Jair Bolsonaro tentou minimizar a dependência cada vez maior do governo em relação ao Centrão, sacramentada com a indicação do senador Ciro Nogueira (PP-PI) para a Casa Civil. Ele justificou que a nomenclatura “Centrão” é pejorativa e admitiu fazer parte do bloco quando lembrou sua passagem por vários

partidos do bloco parlamentar quando era deputado.

“O Centrão é um nome pejorativo. Eu sou do Centrão. Ficou rotulado Centrão como algo pejorativo, algo danoso à nação. Não tem nada a ver. Eu nasci de lá. A Tereza Cristina é do PFL, atualmente Democratas. O Onyx Lorenzoni também é do Democratas. O Ciro Nogueira, que deve integrar o governo, é do PP”, explicou, em entrevista à rádio Banda B, de Curitiba.

Bolsonaro explicou ainda a necessidade de alianças para for-

mar uma base no Congresso. “Eu vou governar com um quinto da Câmara? Não tem como”, justificou-se. E mandou um recado àqueles que o criticam pela proximidade com o bloco: “Pessoal, se vocês têm críticas a deputados de centro, não votem mais nesses candidatos por ocasião das eleições do ano que vem. É simples a coisa. Agora, se você vota nessa pessoa no Brasil, eu converso com ela”, acrescentou.

O ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), ge-

neral Augusto Heleno, já ironizou o Centrão, que hoje compõe boa parte da base governista. Em um vídeo da convenção nacional do PSL, em 22 de julho de 2018, no Rio de Janeiro, o general da reserva parodiou um dos sucessos do sambista Bezerra da Silva: “Se gritar pega Centrão, não fica um meu irmão”, cantou, substituindo a palavra “ladão”, da letra original, pelo grupo de partidos.

Ainda ontem, Bolsonaro confirmou que Ciro Nogueira aceitou o convite para comandar a Casa

Civil, onde é elaborada a articulação política do governo, e assumirá na semana que vem, quando retorna de viagem. O presidente relatou que espera uma melhoria de diálogo com o Congresso e anunciou que Onyx Lorenzoni assumirá o novo Ministério do Emprego e Previdência.

Bolsonaro disse conhecer Ciro desde a época em que também integrou o PP e que é um quadro que interessa ao governo por conta da experiência. “Acho que melhora a interlocução com o parla-

mento e nós continuamos dentro da normalidade, conduzindo o destino da nação”, disse.

Já o presidente da CPI da Covid, Omar Aziz (PSD-AM), disse que a ida de Ciro para a Casa Civil não muda em nada para a comissão de inquérito. “Tenho uma boa relação com o Ciro, mas nada que ele possa fazer vai interferir nas investigações dentro da CPI. Nada, nada, nada. Se o objetivo é esse, acho que isso não vai funcionar. Não creio que funcione”, explicou.

# Encontros com deputada acusada de nazismo

» RENATO SOUZA  
» FABIO GRECCHI

A deputada Bia Kicis (PSL-DF), presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, e o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), criaram mais uma polêmica nas redes sociais, ontem, ao postarem fotos com Beatrix von Storch, deputada do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), investigada em seu país por propagar ideias neonazistas, xenofobas e extremistas. A parlamentar alemã é neta do ministro das Finanças de Adolf Hitler, Johann Ludwig “Lutz” Graf Schwerin von Krosigk — julgado em 1949 pelo Tribunal de Nuremberg e condenado a 10 anos de prisão, mas anistiado e libertado dois anos depois.

“Hoje recebi a deputada Beatrix von Storch, do Partido Alternativa para a Alemanha, o maior partido conservador daquele país. Conservadores do mundo se unindo para defender valores cristãos e a família”, escreveu Kicis em sua conta no Twitter.

O filho 03 do presidente, por

Fotos: Reprodução/Twitter



Bia Kicis e Eduardo Bolsonaro fizeram questão de registrar o encontro com Beatrix von Storch, que é neta do ministro das Finanças de Adolf Hitler

sua vez, anotou na mesma rede social: “Excelente encontro com a deputada federal alemã Beatrix von Storch, que também é vice-presidente do partido Alternativa para a Alemanha. Somos unidos por ideais de defesa da família, proteção das fronteiras e cultura nacional”.

As reações foram imediatas. O Museu do Holocausto lamentou a publicação de Kicis e lembrou que o avô de Beatrix “foi um dos poucos membros do gabinete do Terceiro Reich a servir continuamente desde a nomeação de Hitler como chanceler” — ainda nos tempos de Paul von Hinden-



burg e antes de Hitler dar o golpe que instalou o regime totalitário na Alemanha.

“É evidente a preocupação e a inquietude que esta aproximação entre tal figura parlamentar brasileira e Beatrix von Storch representam para os esforços de construção de uma memória co-

letiva do Holocausto no Brasil e para nossa própria democracia”, completou o Museu do Holocausto, em texto publicado também no Twitter.

Kicis, porém, negou que Beatrix seja ligada ao nazismo. “A deputada Beatrix von Storch é uma parlamentar conservadora, que

denuncia política de imigração na Alemanha e ataques às liberdades individuais, como a liberdade de expressão. Nada desabona sua conduta, por tudo que pesquisei. É a mesma narrativa contra conservadores aqui e no mundo”, rebateu a deputada.

Não é a primeira vez que personagens ligados ao governo de Jair Bolsonaro se veem envolvidos com a simbologia nazista. O primeiro a chamar a atenção para isso foi o ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, ao divulgar um vídeo em que emulava a pose as falas de Joseph Goebbels, ministro da propaganda do regime de Hitler. O outro foi o ex-secretário de Comunicação, Fabio Wajngarten, que ao divulgar medidas adotadas pelo governo no combate à crise sanitária provocada pelo novo coronavírus, utilizou a mensagem “O trabalho, a união e a verdade libertarão o Brasil”. A Confederação Israelita do Brasil (Conib) divulgou nota lembrando que a frase “O trabalho liberta” (“Arbeit macht frei”, em alemão) está inscrita no pórtico do antigo campo de extermínio de Auschwitz.